

Paisagem-Cidade: Relações afetivas e memoriais de Boa Vista pela Rua

Floriano Peixoto, Roraima

Landscape-city: Affective and memorial relationships of boa vista by road Floriano Peixoto, Roraima

Paisaje-ciudad: Relaciones afectivas y memoriativas de boa vista por Rua Floriano Peixoto, Roraima

Sued Oliveira

Professora Mestre, ESTÁCIO AMAZÔNIA, Brasil.
sued.oliveira@estacio.br

Ethel Pinheiro

Professora Doutora, UFRJ, Brasil.
ethel@fau.ufrj.br

Giselle Arteiro

Professora Doutora, UFRJ, Brasil.
gisellearteiro@fau.ufrj.br

Rodrigo Avila

Pesquisador Mestre, UFRR, Brasil.
rodrigo.engenheiro@uol.com.br

RESUMO

O artigo busca refletir sobre a dinâmica socioespacial da Rua Floriano Peixoto, uma das vias mais importantes na gênese do Plano Diretor de Boa Vista, Roraima, por sua maior densidade e trafegabilidade, localizada no centro histórico da cidade. O objetivo deste trabalho é analisar os traços de afetividade realizados por praticantes do espaço urbano boa-vistense com os lugares valorizados pelo ponto de vista social e patrimonial, por meio da percepção ambiental e da topofilia. O resgate memorial da história da cidade é, assim, contextualizado pela construção de uma paisagem afetiva atual, evidenciando a importância da primeira rua de Boa Vista em sua gênese para a manutenção de alguns usos cotidianos e a incorporação de novos, que revelam a vocação urbana local. A metodologia adotada para esta pesquisa é de base qualitativa, sendo realizada por meio de revisão bibliográfica e de análise de viés etnográfico, capaz de fazer emergir as relações prementes e as reminiscências dos informantes sobre o lugar estudado. Para isso, foram utilizados métodos de abordagem direta como questionários, entrevistas estruturadas e registros fotográficos que, por fim, permitiram construir a base analítica deste artigo. Os resultados permitem evidenciar uma singular relação espacial do cidadão com a memória do lugar além de dar significado e valor ao conjunto arquitetônico-urbanístico.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem boa-vistense. Percepção ambiental. Topofilia.

ABSTRACT

The article seeks to reflect on the socio-spatial dynamics of Rua Floriano Peixoto, one of the most important roads in the genesis of the Master Plan of Boa Vista, Roraima, due to its greater density and trafficability, located in the historic center of the city. The objective of this work is to analyze the traits of affection carried out by practitioners of the urban space of Boa Vista with the places valued from the social and heritage point of view, through environmental perception and topophilia. The memorial rescue of the city's history is thus contextualized by the construction of a current affective landscape, highlighting the importance of the first street in Boa Vista in its genesis for the maintenance of some everyday uses and the incorporation of new ones, which reveal the urban vocation local. The methodology adopted for this research is qualitative, being carried out through a bibliographical review and analysis of ethnographic bias, capable of bringing out the pressing relationships and reminiscences of the informants about the place studied. For this, direct approach methods were used such as questionnaires, structured interviews and photographic records that, finally, allowed to build the analytical basis of this article. The results show a unique spatial relationship between the city dweller and the memory of the place, in addition to giving meaning and value to the architectural-urban complex.

KEYWORDS: Boa Vista landscape. Environmental perception. Topophilia.

RESUMEN

El artículo busca reflexionar sobre la dinámica socioespacial de la Rua Floriano Peixoto, una de las vías más importantes en la génesis del Plan Maestro de Boa Vista, Roraima, por su mayor densidad y transitabilidad, ubicada en el centro histórico de la ciudad. El objetivo de este trabajo es analizar los rasgos de afecto que realizan los practicantes del espacio urbano de Boa Vista con los lugares valorados desde el punto de vista social y patrimonial, a través de la percepción ambiental y la topofilia. El rescate memorial de la historia de la ciudad es así contextualizado por la construcción de un paisaje afectivo actual, destacando la importancia de la primera calle de Boa Vista en su génesis para el mantenimiento de algunos usos cotidianos y la incorporación de otros nuevos, que revelan la trama urbana. local de vocación. La metodología adoptada para esta investigación es cualitativa, siendo realizada a través de una revisión bibliográfica y análisis de sesgos etnográficos, capaz de evidenciar las relaciones apremiantes y las reminiscencias de los informantes sobre el lugar estudiado. Para ello se utilizaron métodos de abordaje directo como cuestionarios, entrevistas estructuradas y registros fotográficos que, finalmente, permitieron construir la base analítica de este artículo. Los resultados muestran una relación espacial única entre el habitante de la ciudad y la memoria del lugar, además de dar sentido y valor al conjunto arquitectónico-urbano.

PALABRAS CLAVE: Paisaje de Boa Vista. Percepción ambiental. Topofilia.

INTRODUÇÃO

O cotidiano da paisagem urbana tem sido revelado por diversos estudos teóricos e aplicados, mais especificamente nos últimos 50 anos no campo da arquitetura e urbanismos. Diante de diversas estratégias construídos por uma visão de base eurocêntrica, posteriormente regionalizada, mas profundamente centrada em uma realidade sul-sudeste brasileira, tais estudos tem influenciado um tipo de reconhecimento espacial e social que não se refletem na realidade das regiões norte e nordeste do país, cheia de peculiaridades e controvérsias do ponto de vista social, geográfico e político.

Por paisagem urbana entende-se tudo aquilo que, por interferência humana, permite o convívio estruturado de sistemas (sociais e físicos) e forças, como os fluxos e fixos mencionados por Milton Santos (2006). O autor (Santos, 2006, p. 121) acena que: “os fixos e fluxos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível (...)”.

Toda paisagem urbana delimita um modo de construir, pensar e organizar o espaço. A paisagem também tem o papel de retratar uma história social e um cotidiano. Porém, diante de uma massificação de valores amalgamados do que é a realidade da paisagem brasileira, por muitos anos foi-se negado o direito à peculiaridade e regionalizada de regiões pouco habitadas e cujos processos urbanísticos foram tardios, em relação às demais cidades brasileiras. Este é o caso de Boa Vista, em Roraima.

A intenção deste trabalho, que é parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento, é colocar em evidência os usos, vínculos sociais e a paisagem urbana em determinada parte consolidada da região amazônica, em Boa Vista, a partir de um estudo de caso realizado na Rua Floriano Peixoto, de modo a evidenciar o papel da memória e das relações socioculturais para a construção de uma identidade que, por consequência de sua força e representação, permite a construção de sua sustentabilidade social.

DELIMITAÇÃO DO RECORTE DE ESTUDO

O descobrimento do vale do rio Branco ocorreu durante a expedição de Pedro Teixeira, quando enviado pela coroa portuguesa, partiu de Belém seguindo o curso do rio Amazonas no ano de 1637. Durante a viagem, registraram a presença de indígenas às margens do rio Branco e por este motivo decidiram dominá-los de diferentes maneiras: impondo-os aos costumes europeus e escravizando-os a fim de estabelecerem seu território amazônico. Dado estes primeiros confrontos, outros países da Europa como Inglaterra, Espanha e Holanda manifestaram interesse na região descoberta, todavia, Portugal consolidou sua posse através da construção de uma base militar denominada de Forte São Joaquim em 1725. A ordem religiosa católica dos Carmelitas cooperou neste processo de colonização e preservou aldeias indígenas sob sua salvaguarda. Durante este período, foram criadas as fazendas reais também denominadas de nacionais.

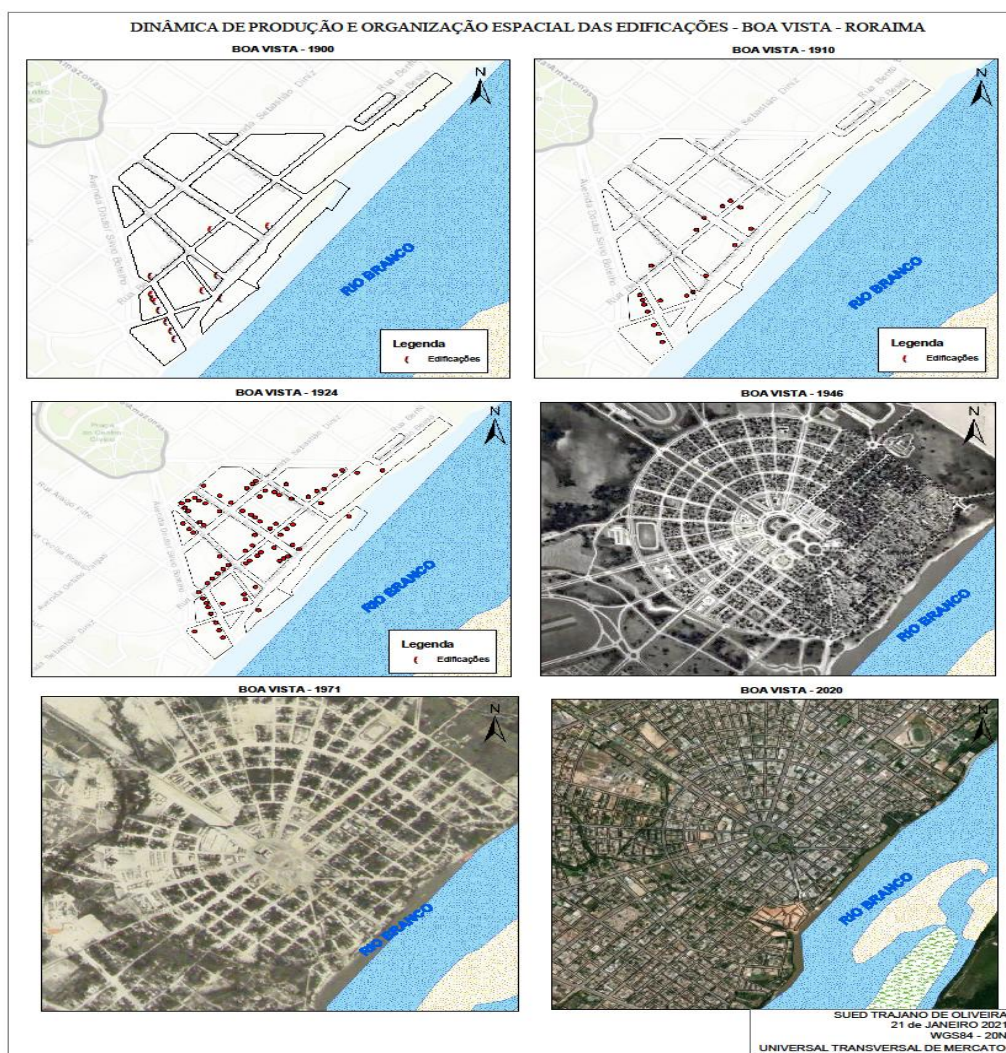
A área já havia sido estudada nos seus aspectos ambientais e morfoestruturais, desse modo, definiram de forma assertiva a viabilidade para a prática pecuária. Décadas posteriores, surge a primeira fazenda particular chamada “Boa Vista”, cujo proprietário era o comandante do forte São Joaquim, Inácio Lopes de Magalhães. Com isso, iniciou-se um novo processo socioespacial de expansão do território, incluindo os aldeamentos missionários que por fim originaram a Vila de Boa Vista do Rio Branco no século XIX.

A RUA FLORIANO PEIXOTO

Nascida à margem direita do Rio Branco, Boa Vista recebe seus primeiros habitantes em 1830. A região fazia parte da província do Amazonas e o acesso até a vila dava-se exclusivamente por via fluvial nos períodos de cheia onde era possível a navegabilidade. Os barcos traziam mantimentos e materiais trazidos de Manaus através do primeiro empreendimento portuário construído na primeira metade do século XX. “Era a entrada principal da cidade em formação, sendo o único elemento físico acessível para o tráfego de pessoas, materiais e atracação de embarcações.” (Morales, 2019, p.8). De acordo com Bade (2018) foi construído com verba adquirida através do deputado federal Clóvis Nova da Costa no final da década de 1950.

Popularmente batizado como “Porto do Cimento”, o lugar era constituído por uma simples rampa de concreto com trajeto à rua Floriano Peixoto. Esta, por sua vez foi a primeira rua da cidade oriunda do antigo bairro “Porto da Olaria” finalizando na rua José Magalhães. Entre os anos de 1900 e 1924 o traçado urbano da cidade limitava-se a seis avenidas (Avenida Jaime Brasil, Avenida José Magalhães, Avenida Sebastião Diniz, Avenida Amazonas, Avenida Ceará e Avenida Getúlio Vargas) e seis ruas (Rua Floriano Peixoto, Rua Bento Brasil, Rua Barreto Leite, Rua Castelo Branco, Rua Capitão Bessa e Rua Inácio Magalhães), assemelhando-se a uma forma geométrica trapezoidal (Figura 1).

Figura 1 – Mapa: dinâmicas de produção e organização espacial das edificações



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2021.

De acordo com a Série Monográfica (1987) as casas eram de taipas ou madeira. Era raro encontrar habitações em alvenaria com tijolos duplos. Não havia rede elétrica, a iluminação era feita com lâmpadas de carbureto e querosene vindos de Manaus. O conjunto arquitetônico estava alargando suas fronteiras por vários motivos, entre eles as migrações nordestinas que trouxeram consigo seus costumes e sua diversidade cultural. Além do mais, o deslocamento dos antigos trabalhadores de seringais após o fim do ciclo da borracha assim como os camponeses trazidos pelos comerciantes e fazendeiros locais estimulou o desenvolvimento de novas técnicas construtivas.

Veras (2009) destaca que no ano de 1924 havia 164 casas, algumas construídas em alvenaria e pau-a-pique, possuindo um agrupamento de 1200 habitantes sendo estes portugueses, brasileiros, mestiços, índios e negros. As diversas transformações na vila também influenciaram as práticas religiosas – estas trazidas pelos portugueses e incorporado pelos padres carmelitas- como o de frequentar as missas por exemplo. Assim, tal atividade acabou por ser uma necessidade do povoado ganhando expressão vívida através das procissões. A esta época as únicas instituições públicas eram a igreja da matriz Nossa Senhora do Carmo, a sede da Intendência e o hospital Nossa Senhora de Fátima administrado pelas madres beneditinas (localizado a rua paralela Bento Brasil).

O conjunto arquitetônico formado no núcleo embrionário da rua Floriano Peixoto compreende as edificações destacadas na tabela abaixo conforme ordem cronológica:

Quadro 1 – Prédios históricos

1. Sede da fazenda Boa Vista (Atual Bar e Restaurante Meu Cantinho)	1830
2. Igreja Matriz – Fundação da Paróquia de N.S. do Carmo de Boa Vista	1892
3. Casa do Coronel Bento Ferreira Marques Brasil (Atual Casa de Petita Brasil)	1892
4. Casa Bandeirante	1898
5. Intendência	1900
6. Escola de 1º Grau São José	1924
7. Residência das freiras beneditinas	1924
8. Casa João XXIII (Atual Rádio Monte Roraima)	1924
9. Mercado público de Boa Vista (Atual Centro de Artesanato)	1926

Fonte: Série Monográfica (1987) e Acervo da Divisão de Patrimônio Histórico (Secretaria de Cultura do Estado de Roraima).

O fluxo de pessoas na rua era constituído pelas famílias militares e ribeirinhas, além de comerciantes, clero católico, migrantes e nativos como citado anteriormente. Os pescadores tiravam o seu sustento do rio e comercializavam entre o povoado, uma vez que os mantimentos demoravam a chegar pelas embarcações. A vida era muito tranquila e simples, as conversas entre os moradores na frente das casas e rua sempre aconteciam. Hoje, apenas a sede da Intendência não é original, é uma réplica construída pela prefeitura municipal para resgate da memória da cidade. Devido a um incêndio, em 1958, o prédio original foi destruído e hoje funciona como centro de informações turísticas.

A rua Floriano Peixoto abriga o maior conjunto arquitetônico histórico da gênese da cidade. Com a implantação do plano urbanístico em 1946, o autor do projeto, engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, preservou o traçado original do centro histórico e manteve sua configuração dentro da nova proposta urbanística. Atualmente, a rua é ocupada por carros que se enfileiram em estacionamentos não projetados para esse fim. Não há trabalho turístico que incite a comunidade a apreciar os vestígios do passado e a valorar as tradições e manifestações culturais oriundas à margem do Rio Branco.

A vida expressada no passado continha todas as modalidades do conjunto urbano pertencentes ao seu tempo, isto é, faziam parte dela a religião e a educação, identificada pela sede da igreja católica, a administração pública, pela sede da Intendência, o trabalho, pelas olarias, a habitação, pela residência de José Coelho de Souza (sede da fazenda Boa Vista) e a sociabilidade pela Praça Barreto Leite (Figura 2). “A paisagem não é só produto da história como

também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver” (CARLOS,2007).

Figura 2 – Localização de prédios históricos



Elaboração: Sued Trajano de Oliveira, 2021.

O período de transição de fazenda à vila e de vila à cidade durou séculos. As ocupações do centro histórico e do Plano urbanístico tem representado a imagem da cidade e evoluído nela as relações das coisas, do tempo e das pessoas. Embora o fenômeno da densidade demográfica tenha aumentado, a personalidade da cidade não foi perdida. Para intensificar o registro histórico na rua Floriano Peixoto, a praça “Barreto Leite” recebeu um ornato no ano de 1995 por um artista local. Trata-se do *Monumento aos pioneiros*. Simboliza a história da cidade com desenhos esculpidos que retratam a chegada das primeiras famílias ao Estado, além de elementos étnicos da cultura roraimense.

Os hábitos citadinos de frequentar as praças, por exemplo, continuam a existir, tanto que a gestão pública tem investido nos últimos anos na criação de novos espaços públicos de lazer, seja na revitalização ou na reforma destes. É sabido que mesmo após a implantação de dois shoppings na cidade, os boa-vistenses e moradores continuam a frequentar as áreas públicas de convivência, é uma questão cultural e/ou de apreço ao lugar.

Lefebvre (1999) diz que a cidade atrai para si tudo o que nasce e centraliza as criações. Para ele, nada existe sem troca, por isso as *relações*, sejam elas sociais ou ambientais constroem o urbano e dão a ele uma identidade.

Sobre a arquitetura da rua Floriano Peixoto, a técnica construtiva predominante no final do século XIX e início do século XX era a taipa e a cobertura em palhas de coqueiro. As edificações de domínio da igreja católica e dos moradores com maior poder aquisitivo se apresentavam mais bem estruturadas, já esplanadas no capítulo anterior. Com isso, as fachadas dessas casas ornavam as ruas e traziam consigo influências inspiradas em referências arquitetônicas de vários países europeus, o que permitiu consolidar uma imagem de valoração

de tradições arquitetônicas eurocêntricas no centro de Boa Vista, permitindo uma revisão de sua paisagem urbana.

A participação dos colonizadores portugueses na dinâmica social da cidade; a importação de esquadrias, telhas e materiais de acabamento da Europa, os costumes trazidos pelos migrantes e todos os ensinamentos e tradições católicos foram determinantes na composição da forma arquitetônica. A casa de Petita Brasil (Figura 3) permanece parcialmente preservada. As janelas das fachadas e porta sofreram alteração por desgaste natural da madeira. Atualmente segue conservados as molduras das esquadrias na cor brancas e demais detalhes como pilares, brasão da família, desenhos e elementos vazados. A cor da fachada foi reconstituída através de pesquisa por especialistas do projeto Raízes de autoria da Prefeitura Municipal de Boa Vista.

Figura 3 – Casa de Petita Brasil – 1892



Foto: autores, 2022.

As residências geminadas à casa de Petita Brasil foram descaracterizadas e a única que permanece parcialmente é a de número 109. A antiga sede da fazenda Boa Vista (Figura 4 – hoje, restaurante) foi também recuperado no ano de 1996 pelo mesmo projeto de restauração da Prefeitura. Sua fachada foi remodelada algumas vezes. A estrutura original não possuía varanda. Esta, inicialmente foi inserida aparentemente em lona e depois refeita para telha de barro.

Figura 4 – Sede da fazenda Boa Vista



Foto: autores, 2022.

A casa das madres mescla o estilo Colonial Português com a arquitetura do II Império francês. As mansardas são características desse movimento (Figura 5). A Escola São José apresenta ecletismo arquitetônico, entretanto, recebeu influências dos estilos Colonial e *Art Decó* com suas linhas geométricas e enfileiramento de janelas com altos vãos. A casa João XVIII localizada ao lado da casa das madres segue semelhantemente o traçado geométrico de esquadrias. Atualmente no edifício funciona a rádio Monte Roraima administrada pela Diocese.

Figura 5 – Casa das Madres



Foto: autores, 2022.

Os espaços foram projetados de acordo com o plano de necessidades da população da época, além de adotar estilos provenientes da Europa que influenciaram o desenho das fachadas. A identidade de Boa Vista estava sendo gerada, para isso, as edificações que significavam imponência e beleza como a Igreja Matriz e a Intendência propiciavam sensações de vislumbre e contemplação aos moradores. Em meio ao deserto urbano, onde havia lavrado em todos os lados, essas obras formataram o início da imagem da cidade.

De igual modo o Porto do Cimento compunha o panorama arquitetônico local. Segundo documento da Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura do Estado de Roraima – SECULT (1996) no ano de 1948, o Porto possuía balaústres de concreto em toda a sua extensão devido ao trabalho de urbanização da Rua Floriano Peixoto. Para a modernização desta área foram instalados bancos de concreto e postes para iluminação com globos de vidro branco, refletindo uma busca por uma cenarização tipicamente francesa. Atualmente há apenas vestígios dele, entretanto, o muro foi preservado até à altura da Orla Taumanan.

Durante a década de 1980 havia um restaurante dentro desse complexo de área livre da qual faziam parte o centro de artesanato (antigo mercado municipal) e fábrica de gelo. Parte dele era em palafitas com um belo guarda corpo em madeira com vista para o Rio Branco. Após alguns anos foi reformado para uma estrutura totalmente em alvenaria em ambiente fechado e climatizado. Nesta fase, o nome desse restaurante foi modificado para “Macuxique”. Diante da formação de novos cenários, o restaurante foi demolido e anos depois construído um novo, chamado “Ver o Rio”.

Esse espaço localizado na arquibancada histórica da Rua Floriano Peixoto tinha uma arquitetura regional com salão aberto para atendimento das mesas, ou seja, sem uso de condicionadores de ar. Tinha forma sextavada cobertas com telhas cerâmicas e piso rústico cimentado liso polido. Funcionou durante longos anos e precisou também ser fechado para dar

lugar à construção da Orla Taumanan. No momento atual há um novo restaurante de arquitetura contemporânea chamada “Riu” (Figura 6).

Figura 6 – Rua Floriano Peixoto, hoje: edificações históricas e contemporâneas



Foto: autores, 2022.

A Casa Bandeirante inicialmente nomeada de J.G. Araújo, localizada na esquina da Rua Floriano Peixoto e Avenida Jaime Brasil, mantém-se com boa parte das suas fachadas originais (Figura 7). A madeira das portas e janelas foi substituída por esquadrias de ferro em função da deterioração natural do tempo. O formato superior de algumas janelas ficou arqueado diferente do padrão retangular. A fachada já foi pintada em tons de Terracota e branco, mas, hoje mostra-se em tons de azul nas paredes e branco nas molduras das esquadrias.

Figura 7 – Casa Bandeirante – 1898



Foto: autores, 2022.

O muro do antigo mercado municipal foi erguido para delimitação de toda área de margem do Rio Branco e percorre o início da rua até o encontro com a Avenida Jaime Brasil, ao lado da escola pública estadual Ayrton Senna. As colunas do muro foram preservadas com pequenas remodelações. Havia em cada uma delas uma ornamentação. As superfícies estão

atualmente niveladas e pintadas na cor cinza. De igual modo, os postes com luminárias em esferas foram trocados por outro modelo clássico em forma de lamparina colonial (Figura 8).

Figura 8 – Muro do Mercado - 1940



Foto: autores, 2022.

Sobre a arquitetura da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, o acervo da Divisão de Patrimônio Histórico – SECULT, destaca que a edificação tem influências germânicas. Sua forma e volume eram caracterizados pela torre de sinos, nave e listras em suas fachadas. Houve uma obra de remodelação para melhorias internas, mas sua forma permaneceu inalterada até o ano de 1948.

A partir da década de 1960 iniciaram-se as reformas na igreja com a justificativa de ampliar o espaço em função do crescimento populacional. Diante disso, as remoções de vários elementos arquitetônicos, incluindo a substituição dos vitrais por elementos vazados, substituição das telhas Marselha francesas por barro colonial, forro de madeira por PVC, mudança da cor das fachadas e desaparecimento das pratarias, além de várias outras modificações que descaracterizaram a composição original da forma.

No final da década de 1970, as estruturas de cimento que davam o formato às janelas foram substituídas por novas esquadrias de vidro no estilo venezianas. Os bancos antigos, entalhados com motivos religiosos, foram doados à comunidade de São Pedro e substituídos. (Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, 2009, p. 31).

Em 2003 o resgate histórico da Igreja foi solicitado pela comunidade católica. As famílias pioneiras, juntamente com o padre e outros voluntários organizaram acervo documental e fotográfico para as autoridades locais e em 29 de outubro de 2005 as obras de reconstituição iniciaram.

Foram cerca de 100 trabalhadores que atuaram na obra, dentre eles, alguns colaboradores da Casa do Restauo da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. A Igreja Matriz foi oficialmente entregue pelo prefeito Iradilson Sampaio à população na celebração dos 117 anos do município de Boa Vista, em 9 de julho de 2007 (figura 9).

Figura 9 – Igreja Matriz – 1892



Foto: autores, 2022.

A importância da igreja no contexto social da cidade no passado representava o poder. Além das festividades paroquianas, procissões e demais rituais católicos, a igreja compunha o sistema de saúde e de educação. As madres beneditinas eram professoras, enfermeiras e tinham papel relevante perante a sociedade. A rua, portanto, era bastante movimentada pelos religiosos e fiéis.

ATRAVESSANDO O ESPAÇO PELA LENTE DA TOPOFILIA

Tuan (1980) nos apresenta um neologismo intitulado “Topofilia” em sua obra seminal, quando nos instiga a entender o mundo que habitamos. Para o autor, a topofilia se manifesta através de nossas emoções no meio em que vivemos. Isso nos dá a entender a diferença de nomenclaturas entre “espaço” e “lugar”. No lugar há a associação de sentimentos com o meio ambiente, há intensidades e formas de expressão distintas para cada pessoa. Como coloca, “O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129).

Lynch (1997), por sua vez, explana que a cidade possui elementos que definem sua imagem e os classifica em cinco pontos de interesse, bastante conhecidos por estudantes, profissionais e pesquisadores em arquitetura e urbanismo: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos notáveis. Tais estruturas de localização são componentes que personalizam a urbe e a tornam conhecidas por seus aspectos compositivos. Nesta mesma linha de pensamento, Lynch (1997) discorre sobre a necessidade de conhecer o passado histórico de um bairro pela sua forma e a vocação de alguns acontecimentos do passado, superada a sua pequena escala, reaparecem no presente e suscitam a urgência de lidar com tais fatos. Essa estrutura temporal evidencia-se nos traços memoriais que os usos locais guardam, pelo agenciamento cultural.

Sendo a rua Floriano Peixoto localizada no centro histórico de Boa Vista, a necessidade de analisar as relações de afetividade das pessoas com os lugares abertos (e fechados) ao longo do tempo tornou-se crucial. Considerando que a ideia de “urbano” também é construída através de movimento, uso, pertencimento e experiências pessoais, a análise da paisagem urbana de Boa Vista não seria completa, neste cenário, sem a adesão imersiva ao espaço.

O espaço urbano é também compreendido por Rodrigues (1986) como “(...) arquitetura resultante dos processos de organização social no espaço urbano”, logo então uma

arquitetura de relacionamento de edifícios, edificações e espaços livres de uso público, ou seja, um cenário da vida coletiva, ora em espaços de permanência (reunião), ora em espaços de movimento (circulação).

Carlos (2007) comenta que no início, o homem relacionava-se com o meio ambiente apenas por sobrevivência, pois suas habilidades eram restritas em decorrência da região geográfica no qual estava inserido. A partir de suas vivências, sua percepção passou a transformar-se e sua familiaridade com a natureza foi aprimorada.

Portanto se antes o uso do solo limitava-se a cumprir a tarefa de suprimento de morada e mantimento, passadas as revoluções (em especial a Industrial) chegamos ao entendimento de Carlos (2007) defende que a cidade é um produto social materializada nas ocupações, portanto tem herança a partir dos elementos que formaram sua gênese.

APLICAÇÃO DO MÉTODO ETNOGRÁFICO

Para entender as relações de afeto e construção memorial dos praticantes da rua Floriano Peixoto em de Boa Vista, foram adotados recursos de pesquisa qualitativa como entrevista estruturada, questionário. Os temas das perguntas versavam sobre relatos de vivências, história (e estórias) da cidade, opiniões sobre incômodos ambientais e a percepção quanto aos aspectos arquitetônicos e urbanísticos. O objetivo de tais perguntas foi permitir a compreensão de apreço ao lugar e identidade regional.

Cada participante da pesquisa foi classificado por grupo e faixa etária, sendo composta por jovens estudantes ou profissionais entre 18 e 30 anos que responderam o questionário, e entre 31 e 65 anos que participaram de entrevista estruturada. O público respondente foi bastante diverso, entre eles, parte de professores acadêmicos e arquitetos. A escolha pela comunidade acadêmica foi pontual para saber se dentre esse grupo havia conhecimento sobre a história da cidade e da rua Floriano Peixoto. Além disso, foi necessário para saber se o nível de escolaridade influencia nesse saber.

A ferramenta utilizada foi por formulário online do google proveniente da conta de estudante da FAU/UFRJ¹. O link foi enviado através de aplicativo de mensagens para grupos e contatos individuais. Foi atingido um público de 46 pessoas, sendo 20 do sexo masculino e 26 do sexo feminino. Sobre a naturalidade, 22 responderam que são roraimenses sendo um deles naturalizado, e 24 de outras cidades do Brasil. Sobre a escolaridade, 5 informaram tem nível médio, 13 tem nível superior, 14 tem pós-graduação lato sensu, 9 tem pós-graduação stricto sensu (mestrado) e 5 possuem pós-graduação stricto sensu (doutorado). Dos entrevistados, 2 ficaram em dúvida se conheciam a rua Floriano Peixoto. Após esclarecimentos da pesquisadora, souberam identificar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários permitiram entender, por meio das respostas, uma imagem específica da Rua Floriano Peixoto para os usuários/praticantes da cidade, numa realidade bastante associada à cultura e *modus vivendi* dos habitantes de Boa Vista, como a atenção à beleza natural local e o papel de algumas fachadas e edifícios para a localização e referência da vida urbana, o que demonstra uma paisagem urbana muito específica para o boa-vistense.

Sobre os lugares que mais interessam aos respondentes, a Orla Taumanan obteve o maior grau de satisfação, seguidos pela Igreja Matriz e Casas históricas. Foi indagado sobre

¹ https://docs.google.com/forms/d/1zZZtdY_TKgnMITtBmUmFx1r2shitiLAV9ZjHxiA_NY/edit

participação em algum evento público festivo ou se tiveram conhecimento da informação por outros meios. Os relatos foram os mais diversos: procissões, marcha para Jesus, ensaio de fanfarra, carnaval, apresentação musical e cultural no anfiteatro da orla, restaurantes, vista para o rio, campeonato de coreografias evangélicas no anfiteatro da orla e festas de fim de ano.

Quanto a rua Floriano Peixoto ser a primeira rua da cidade, 16 respondentes disseram não saber dessa informação. Sobre a história da cidade 76,4% responderam não saber ou ter pouco conhecimento sobre o assunto.

O espaço público mais apreciado pelos pesquisados é a Orla Taumanan (Figura 10) devido a paisagem natural, revoada de andorinhas, vista para o Rio Branco, beleza e local propício para passeios em família.

Sobre arquitetura local, as preferências ficaram equilibradas por todos, sendo estas as edificações históricas em destaque: Igreja Matriz, Centro de Artesanato, Restaurante Meu Cantinho, Muro do Mercado e Monumento aos Pioneiros foram os mais citados.

Quanto ao urbanismo, o público jovem, na sua maioria, avalia a infraestrutura como boa, com ressalvas à iluminação que precisa melhorar do ponto de vista da conservação e de melhor distribuição. Pelo público adulto e idoso, a maioria considera a sinalização insuficiente, iluminação precária, sem acessibilidade e necessitando de urgente manutenção. Todavia, alguns informantes ressaltaram pontos positivos como arborização presente na rua, tráfego pouco intenso e possibilidade de passeios noturnos, uma atividade bastante comum aos moradores de Boa Vista, que preferem fugir do sol causticante da manhã e da tarde.

Figura 10 – Orla Taumanan: vista aérea



Foto: autores, 2022

Foi solicitado um relato voluntário das sensações ou experiências dos informantes quanto ao que mais se identificam na Rua Floriano Peixoto. De todos os informantes habilitados, 38 decidiram fazer os seus registros e demonstraram, em seus escritos, que a imagem mais coesa da paisagem urbana da rua está relacionada ao aspecto bucólico, à sensação de segurança e tranquilidade e à uma forte relação regionalista que permite ao praticante da cidade se sentir “no norte do país”, conforme relatos abaixo:

“Eu sinto uma pequena volta ao passado. Gosto da sensação de estar em um local parcialmente preservado, vendo as mesmas coisas que muitos viram antes de mim.” (Informante 1, 2022)

“Tenho boas lembranças de momentos na infância, principalmente na praça Barreto Leite e No muro do antigo mercado. Lembro-me de desde criança gostar dos espaços e reconhecê-los como marcos da arquitetura da minha cidade. Sempre que recebo algum familiar ou amigo de fora do Estado, tenho o costume de apresentar estes pontos do Centro histórico.” (Informante 4, 2022)

“Fico feliz e plena ao apreciar a beleza do Rio Branco e me sentir realmente no norte do país.” (Informante 32, 2022)

“Lembrança da infância.” (Informante 35, 2022)

Quanto à pergunta sobre algum incômodo no centro da cidade, a maioria respondeu que os pedintes e usuários de drogas provocam insegurança. Também informaram que os “flanelinhas” são incômodos e falta conservação e manutenção do patrimônio histórico.

“Acredito que o que mais incomoda são os usuários de droga que ainda existem no local e a iluminação que acaba deixando o ambiente um pouco perigoso e não convidativo, principalmente no período noturno (me refiro mais especificamente a parte entre a escola Ayrton Senna e a Orla, tanto pela rua principal como a rua paralela que dá acesso ao artesanato).” (Informante 6, 2022)

“O descaso na conservação e valorização dos prédios históricos” (Informante 7, 2022)

“Sim. Embora a Orla Taumanan seja um bom espaço público ele desconsiderou a existência do porto do cimento e se sobrepôs ao porto.” (Informante 11, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rua Floriano Peixoto tem destaque urbanístico frente à gênese de Boa Vista. Local da chegada dos pioneiros, embarcações, comércio e clero católico, seu papel na história escrita tem lugar certo, mas também na vida cotidiana na dos moradores de Boa Vista.

O “Porto do Cimento” atualmente desconstruído, respira através de vestígios abaixo das estruturas da Orla Taumanan. Dele, saíam os festejos da procissão fluvial de São Pedro (atualmente com rota modificada após a construção da orla). As edificações históricas que sobreviveram ao tempo trazem vívidas lembranças dos costumes e da vida antiga aos praticantes da cidade, e os relatos livres, assim como as respostas diretas ao questionário, indicam que tais elementos são ponto de partida para diversas lembranças e para a manutenção da memória local.

A pesquisa consistiu em compreender a percepção do ambiente da rua Floriano Peixoto pelos moradores da cidade. Nos relatos voluntários dos informantes, foi possível verificar que os aspectos topofílicos ficam evidentes pela vista do Rio Branco. A orla foi citada inúmeras vezes como lugar de contemplação, passeio e admiração da paisagem construída.

Os elementos marcantes mais citados além do rio, foram: a ponte dos macuxis, a igreja matriz e as edificações com valor patrimonial. Tais elementos, bastante específicos da paisagem boa-vistense e presentes nos mais diversos eventos históricos e sociais, reforçam a conjunção entre espaço construído e paisagem natural como um conjunto essencial para a manutenção do uso cotidiano da Rua Floriano Peixoto.

Por fim, é importante colocar que este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento, como já mencionado, ficando claro que outros recursos para a coleta de dados e outros meios de interpretação do espaço sociocultural ainda servirão para consubstanciar a tese

por vir. Espera-se que este artigo seja um aporte introdutório na literatura voltada à análise urbana roraimense, visando ao fortalecimento de demais trabalhos da área que buscam estruturar uma interpretação local e não hegemônica da paisagem em espaços distantes dos grandes e conhecidos centros urbanos no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BADE, C. **A procissão a São Pedro: o ritual e seus percursos indefinidos em Boa Vista, Roraima**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 31, 2018, Brasília.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, 2004.178p.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LYNCH, K. **De qué tiempo es este lugar? Para una nueva definición del ambiente**. Barcelona, España : Gustavo Gili, 1972.
- MORALES, Jefferson Eduardo da Silva. **Mudanças na paisagem: o olhar dos cidadãos no Núcleo Histórico de Boa Vista – Roraima**. 2020. 150p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Recursos Naturais), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2020.
- MORALES, Jefferson Eduardo da Silva. **Porto do Cimento: o berço de Boa Vista descaracterizado pela gestão pública – Roraima. 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil**. Belo Horizonte/MG, 2019.
- RORAIMA. Governo do Estado de Roraima. Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). Divisão de Patrimônio Histórico. **Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo**. 92p.
- RODRIGUES, F.M. **Desenho Urbano, cabeça, campo e prancheta**. São Paulo: Projeto, 1986. 117p.
- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (edusp), 2002.
- TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA. **Série Monográfica – Município de Boa Vista**, Secretaria de Educação e Cultura. Boa Vista, 1987.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288p.
- VERAS, A. T. R. **A produção do espaço urbano de Boa Vista**. 2009.222 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.